

2

Representações Sociais da Droga e da Toxicodependência. Inquérito à população jovem presente no Rock in Rio – Lisboa 2008

VASCO GIL CALADO, ELSA LAVADO

Artigo recebido em 23/09/10; versão final aceite em 20/10/10.

RESUMO

Este artigo apresenta parte das principais conclusões do estudo *Percepções e Representações Sociais da Droga e da Toxicodependência. Inquérito à população jovem presente no Rock in Rio – Lisboa 2008*. Tomando em consideração uma amostra de 1165 jovens que estiveram presentes neste festival de música, conclui-se que os respondentes tendem a considerar a droga um problema grave da sociedade portuguesa, embora sem provocar grande alarme social. A representação social da droga é entendida mais no plano individual do que social, afastando-se hoje de problemáticas como a delinquência, o crime ou a repressão. Conclui-se, ainda, que, para os respondentes, consumidores e toxicodependentes são, no plano simbólico, entidades diferentes e autónomas.

Palavras-chave: Representações Sociais; Droga e Toxicodependência; Juventude.

RÉSUMÉ

Cet article présente partie des principales conclusions de l'étude *Perceptions et Représentations Sociales de la Drogue et de la Toxicomanie. Enquête à la population jeune présente au Rock in Rio - Lisbonne 2008*. En prenant en considération un échantillon de 1165 jeunes qui ont été présent à ce festival de musique, il se conclut que les répondants tendent à considérer la drogue un grave problème de la société portugaise, mais sans provoquer grand alarme sociale. La représentation sociale de la drogue est perçue plus sur le plan individuel que social, en s'éloignant aujourd'hui de problématiques comme la délinquance, le crime ou la répression. Il se conclut, aussi, que, pour les répondants, des consommateurs et des toxicomanes sont, dans le plan symbolique, entités différentes et indépendantes.

Mots-clé: Représentations Sociales; Drogue et Toxicomanie; Jeunes.

ABSTRACT

It is presented the main results of the study *Perceptions and Social Representation on Drugs and Drug Addiction, Inquiry to the Youth present in Rock in Rio – Lisboa 2008*. Considering a sample of 1165 teenagers and young adults, one can conclude that drugs are considered a serious social problem, although without generating much social alarm. Drugs social representation is today more individual based than social, less associated to problems such as crime, delinquency or repression. Further more, one can also conclude that symbolically, to those interviewed, drug consumers and drug addicts are different and autonomous concepts.

Key Words: Social Representation; Drugs and Drug Addiction; Youth.

RESUMEN

Este artículo presenta parte de las principales conclusiones del estudio *Percepções e Representações Sociais da Droga e da Toxicodependência. Inquérito à população jovem presente no Rock in Rio – Lisboa 2008*. Considerando una muestra de 1165 jóvenes que estuvieron presentes en este festival de música, se concluye que los inquiridos tienden a considerar la droga un problema grave de la sociedad portuguesa, aunque sin provocar gran alarma social. La representación social de la droga es entendida más en el plan individual que social, se alejando, hoy, de problemáticas como la delincuencia, el crimen o la represión.

Aún se concluye que, para los inquiridos, consumidores y drogodependientes son, en el plan simbólico, entidades diferentes y autónomas.

Palabras Clave: Representaciones Sociales; Droga y Drogodependencia; Juventud.

1 – INTRODUÇÃO

Conforme previsto no *Plano de Acção do IDT 2005-2008*, o Núcleo de Estudos e Investigação (NEI/DMFRI/IDT) iniciou, em 2008, o Programa de Estudos sobre Percepções e Representações Sociais da Droga e da Toxicodpendência, contemplando quatro projectos¹. O seu objectivo consiste em avaliar as representações sociais associadas à droga e à toxicodpendência, procurando também conhecer a percepção que as populações inquiridas têm em relação à evolução recente do fenómeno em Portugal, algum tempo que foi passado desde a entrada em vigor da Lei 30/2000.

A metodologia traçada parte da utilização de um questionário comum a todos os projectos (apenas com pequenas adaptações que derivam da especificidade de cada recolha de informação), pelo que a análise de dados foi feita de modo idêntico, tornando tão comparáveis quanto possível os resultados obtidos nas diferentes amostras. Por uma questão de economia de espaço, o presente artigo apresenta as conclusões gerais referentes apenas às representações sociais do projecto *Rock in Rio - Lisboa 2008*, remetendo para o Relatório Final uma análise mais elaborada a diferentes níveis, incluindo um aprofundamento do enquadramento teórico, questões metodológicas e um tratamento mais detalhado dos dados (por sexo, idade, situação face ao consumo de drogas, etc.).

A razão da escolha de um grupo-alvo constituído por adolescentes e jovens adultos frequentadores de festivais de música prende-se com o facto de esta ser uma população familiarizada com o consumo de substâncias psicoactivas, conforme indicam, directa ou indirectamente, vários estudos realizados. Com efeito, uma pesquisa etnográfica (IDT, 2007) levada a cabo por técnicos do IDT durante a edição 2006 deste festival revelou que o *Rock in Rio - Lisboa* é um evento onde ocorre um considerável consumo de drogas ilícitas, nomeadamente *cannabis*. Para além do elevado consumo de álcool e tabaco, observou-se nesse ano um consumo de *cannabis* que ocorria maioritariamente em grupo, em ambiente de sociabilidade, de uma forma assumida, raramente dissimulada ou escondida.

Apesar do consumo observado em 2006 variar de dia

para dia, em função do público presente no recinto, pode considerar-se o *Rock in Rio - Lisboa* um local de consumo tolerado e consentido de substâncias ilícitas. O trabalho de campo efectuado não permitiu, obviamente, avaliar padrões ou inferir prevalências de consumo, apenas confirmar que o consumo de drogas existia e era feito *às claras*.

Por outro lado, em 2001, o Observatório Francês de Drogas e Toxicodpendências (OFDT) publicou um estudo sobre o consumo de substâncias psicoactivas em concertos e festivais de música rock, chegando às mesmas conclusões (Aquatias, 2001).

Para além das semelhanças no que diz respeito às substâncias ilícitas consumidas (assumindo o *cannabis* um papel predominante), é de salientar que, tanto nos festivais franceses de música como no *Rock in Rio - Lisboa 2006*, não se verificou nenhum tipo de controlo, censura social ou qualquer forma de inibição formal em relação ao consumo de drogas. O modelo europeu de festivais de música, frequentado por jovens, parece, portanto, ser um espaço onde o consumo de drogas é tolerado ou, pelo menos, não é activamente combatido². Perante tal, os jovens frequentadores de festivais de música tornam-se, naturalmente, uma população que interessa estudar, dado o tipo de contacto que têm com as drogas e a grande diversidade de indivíduos que normalmente estão presentes nestes eventos. No entanto, não existem estudos nacionais que relacionem esta população e a questão das drogas, ou mais especificamente que analisem as suas representações sociais.

Pelo contrário, a população frequentadora de espaços de diversão nocturna tem merecido uma atenção muito maior, tendo sido bastante estudada, nos últimos anos. Os estudos efectuados sobre o consumo de drogas em espaços de diversão nocturna têm-se debruçado sobretudo sobre determinadas culturas juvenis, cujos membros saem regularmente à noite para discotecas, *raves* e/ou festas *trance*, chegando à conclusão que existe uma relação entre as práticas de diversão nocturna e o consumo de drogas ilícitas, e sugerindo que a prevalência de consumo entre frequentadores deste tipo de espaços é mais elevada do que entre a população em geral (Chaves, 1998; Rebelo, 1999; Henriques,

2003; Silva, 2005; Lomba, 2006; Calado, 2006; Carvalho, 2007), à imagem do que acontece também a nível europeu (Calafat, 1999; OEDT, 2002).

Embora havendo óbvios pontos de contacto entre as duas populações no que às drogas diz respeito (a começar pelas substâncias consumidas e o tipo de consumo efectuado, associado sobretudo ao lazer e à diversão), não se podem considerar equivalentes (dado o contexto e o tipo de frequentadores apresentarem diferenças significativas), pelo que se considerou que o público jovem frequentador de festivais de música merecia um estudo autónomo. Na impossibilidade de efectuar uma pesquisa nos vários festivais que ocorrem todos os anos no Verão, elegeu-se como grupo-alvo o público jovem de um único evento, que, pela manifesta diversidade de pessoas presentes, pudesse ser tomado como representante³ desta população.

Com efeito, dentro do panorama nacional dos festivais de música, o *Rock in Rio – Lisboa* tem um carácter único: não só pela sua dimensão e atenção mediática de que é alvo, mas também porque atrai uma grande diversidade de públicos, de diferentes origens socioeconómicas, estilos de vida, localização geográfica, etc. No que diz respeito aos jovens, em concreto, este festival tende a agradar a uma multiplicidade de indivíduos, dado que o cartaz musical não é orientado para um único género de música mas, pelo contrário, é pontuado pela diversidade. Assim sendo, tomar como grupo-alvo o público do *Rock in Rio – Lisboa* garantia que não seria inquirida uma única subcultura, mas um vasto conjunto de tipologias juvenis.

Em suma, o presente estudo procurou perceber como vê e se posiciona perante as drogas e a toxicodependência uma população jovem que frequenta festivais de música e, que por via disso, convive com o consumo de substâncias ilícitas.

2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Inspirada na noção de «representações colectivas» de Émile Durkheim (1912), a teoria das representações sociais foi proposta inicialmente por Serge Moscovici (1961) e mais tarde desenvolvida por autores como Claudine Herzlich (1969) e Denise Jodelet (1989), entre

outros. Em Portugal, destaca-se o trabalho de Jorge Vala (1993) e Artur Valentim (1997).

As representações sociais podem ser definidas como «teorias» elaboradas pelo senso comum para interpretar e (re)construir uma determinada realidade social, possibilitando a partilha dos mesmos significados intersubjectivos. Em última análise, tal facilita e possibilita a comunicação e a compreensão da realidade, através da produção de sentido. Por outras palavras, uma representação social não é apenas uma percepção colectiva, mas também uma reflexividade conducente a uma reconstrução social da realidade, permitindo «naturalizar» o social, transformando o que é problemático em coisas mais fáceis de compreender e aceitar socialmente.

Dada a problemática das drogas ser um assunto tão complexo⁴, que importa simplificar, as conceptualizações e os discursos sobre o consumo de substâncias ilícitas tendem a assentar em valorizações e classificações opinativas, contribuindo para a construção de um problema social, o «objecto-droga», para usar a expressão de Artur Valentim (1997). Segundo este autor, o fenómeno "(...) é particularmente adequado para ser estudado à luz do paradigma construtivista das representações sociais porque possui uma acentuada variabilidade aposta pelas relações sociais em que se enxerta" (1997, p. 12).

A teoria das representações sociais apresenta-se, portanto, como um sustento teórico adequado para estudar discursos simbólicos, mentalidades, ideias e/ou imagens colectivas (Vala, 1993), como é o caso. O estudo em causa nunca pretendeu abordar directamente (e no terreno) os consumos e os comportamentos sociais, antes o posicionamento, a representação e percepção sociais de determinada população. Dito de outra forma, o presente estudo não visa abordar o consumo que tem lugar nos festivais de música, antes tentar perceber o que pensam os indivíduos que participam nestes eventos.

3 – METODOLOGIA

Foi construído propositadamente para o presente Programa de Estudos um questionário de percepções e representações sociais, combinando perguntas abertas e questões fechadas. Embora havendo um tronco

comum, o questionário foi adaptado para cada projecto, de acordo com as características de cada população em estudo, o contexto de inquirição, razões de ordem prática, etc.

O questionário utilizado no *Rock in Rio – Lisboa 2008* foi concebido para ser aplicado, de forma anónima e face a face, ao público jovem que entrava no recinto, nos cinco dias do evento (30 e 31 de Maio, e 1, 5 e 6 de Junho).

O questionário, para além de proceder a uma caracterização dos inquiridos (através de variáveis como sexo, idade, habilitações literárias, profissão, local de residência e situação face ao consumo de drogas ao longo da vida), continha quatro perguntas abertas que, através da associação de palavras, visavam identificar as representações sociais, e ainda quinze perguntas fechadas com o objectivo de obter as percepções dos inquiridos em relação ao fenómeno em Portugal.

A recolha foi feita por entrevista presencial, através de entrevistadores contratados para o efeito, que, sem divulgar o assunto do questionário, salientavam a importância de responder com o máximo de espontaneidade e sinceridade, premissas fulcrais no estudo das representações sociais.

Para evitar enviesamentos, os entrevistadores tinham que seguir algumas instruções, como, por exemplo, não inquirir mais de dois indivíduos do mesmo grupo de amigos, evitar inquirir filhos acompanhados pelos pais (e vice-versa), e limitar a aplicação do questionário a indivíduos com idades compreendidas entre os 15 e os 35 anos⁵. Tais medidas foram tomadas, não só para evitar enviesamentos, como para garantir a inquirição de um grupo de jovens que reflectissem tanto quanto possível as características globais do público jovem presente no evento.

A análise de conteúdo às questões abertas foi feita com recurso ao *SPSS Text Analysis for Surveys 2.0*, tendo todos os dados sido posteriormente trabalhados estatisticamente com recurso ao *SPSS 17.0*.

A partir de 1165 questionários válidos aplicados à porta do *Rock in Rio – Lisboa 2008*, obteve-se uma amostra de conveniência, tentando representar de forma mais aproximada possível a diversidade da população jovem presente no festival.

A amostra é relativamente equilibrada em termos dos dois sexos (53% é do sexo masculino), e composta predominantemente por adolescentes e jovens adultos (à data, 62% tinha menos de 25 anos e apenas 21% mais de 30 anos). Como habilitações literárias, 26% dos inquiridos tem estudos superiores concluídos, 57% completou um dos três anos de escolaridade do ensino secundário (10º, 11º e 12º), enquanto aqueles que têm menos do 9º ano de escolaridade completo são 17%. Os estudantes constituem cerca metade da amostra (50,9%), enquanto os restantes se dispersam por variadas profissões e modos de vida (geralmente de pouca qualificação). Uma grande parte (69%) dos inquiridos reside na região da Grande Lisboa e distritos de Setúbal e Santarém, embora quase um terço da amostra (31%) resida noutras regiões do país (sobretudo norte e centro, com 14% e 12%, respectivamente). Finalmente, mais de metade dos inquiridos (51,3%) assegura já ter consumido uma droga ilícita pelo menos uma vez, o que confirma estar-se perante uma população de indivíduos familiarizados com as drogas, embora não necessariamente consumidores regulares⁶.

Em traços genéricos, pode dizer-se que a amostra consiste numa população heterogénea (e variável de dia para dia de evento), destacando-se, ainda assim, algumas características: a maior parte dos inquiridos tem até 24 anos, é estudante, reside em Lisboa ou arredores, tem completo um dos três níveis de escolaridade do ensino secundário e já consumiu uma droga ilícita.

4 – APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

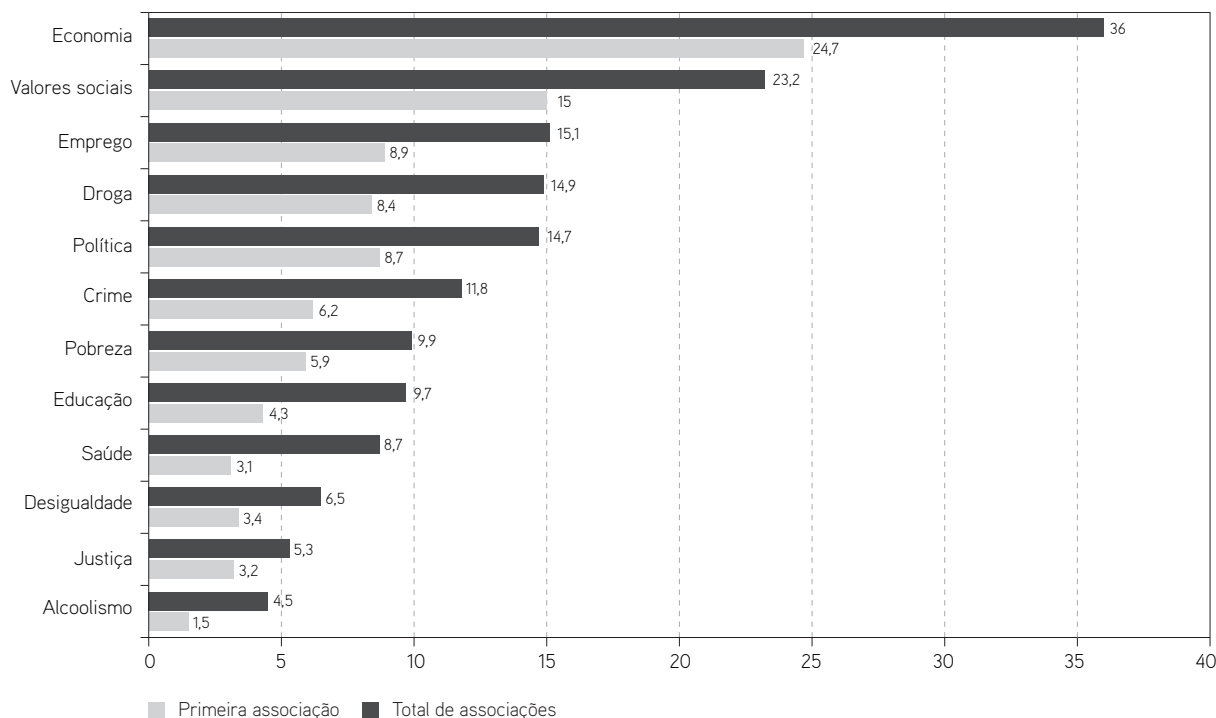
Como referido, apresentam-se aqui apenas os resultados das perguntas abertas referentes às representações associadas à droga e aos consumidores.

Na primeira (ver gráfico 1) era pedido aos respondentes que referissem quais os maiores problemas da sociedade portuguesa, na sua opinião, havendo espaço para registar até quatro palavras/ideias. O objectivo da pergunta era perceber até que ponto o fenómeno das drogas é hoje em dia encarado como um problema social de relevo e, sendo-o, avaliar essa premência e ajudar a perceber a sua dimensão simbólica. Mais uma vez, importa salientar que nesta altura os inquiridos não sabiam ainda

sobre que assunto tratava o questionário, afastando assim o perigo de enviesamento das respostas. Os gráficos apresentam as palavras/ideias mais citadas,

tanto na primeira resposta de associação como no total (ou seja, a percentagem de inquiridos que respondeu determinada categoria de associação).

FIGURA 1 – PRS-RR/LX08: «Majores problemas da sociedade portuguesa»: (associações) (%) (N=1143).



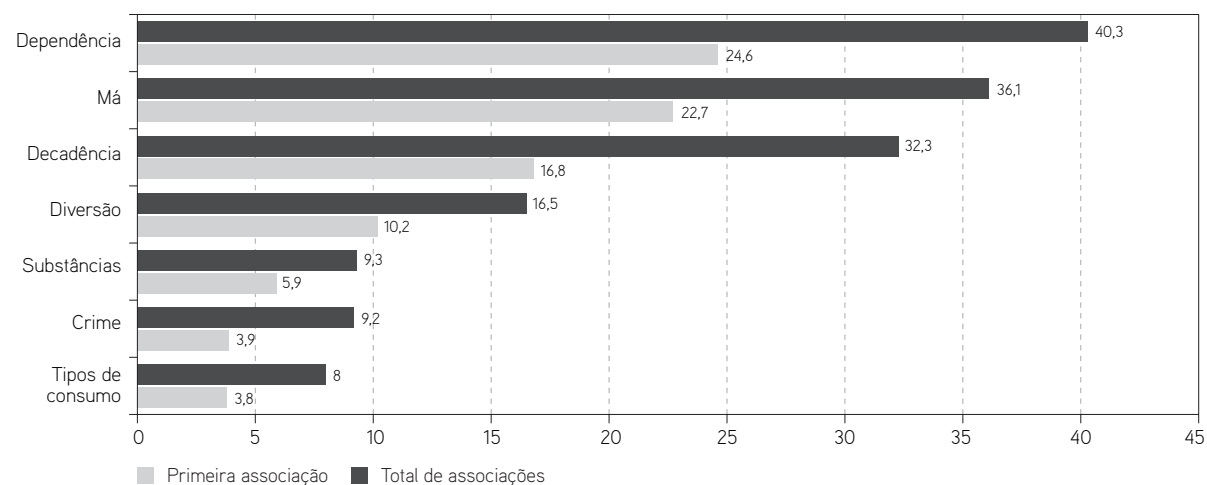
Constata-se que, para os respondentes, a droga (e a toxicodependência) é indiscutivelmente um problema social de relevo (muito mais do que outras dependências, como o alcoolismo, por exemplo). No entanto, não parece ser-lhe reconhecida a mesma gravidade de outros problemas que, segundo os inquiridos, afectam mais a sociedade portuguesa, nomeadamente aqueles relacionados com a falta de dinheiro (mais de um terço dos respondentes citou questões económicas⁷) e certos factores de desestruturação social (racismo, falta de civismo, consumismo, etc.).

Num patamar mais abaixo, destacam-se três problemáticas: (des)emprego, droga e política, praticamente com o mesmo número total de respostas. No entanto, a droga é comparativamente menos citada na primeira

associação (8,4%), o que parece revelar que são poucos os respondentes que, de forma imediata, vêm a droga e a toxicodependência como o principal problema que afecta a sociedade portuguesa.

Numa questão seguinte (ver gráfico 2), era pedido aos respondentes que dissessem as primeiras ideias/palavras que viessem à mente a propósito da palavra «droga». Com esta pergunta, através da associação livre de palavras, procurava-se inquirir as representações sociais, isto é, perceber de que fala esta população quando pensa em droga – propositadamente no singular, dado que não se pretendia abordar as substâncias em si, mas antes o «objecto-droga», o problema que é construído socialmente e valorizado colectivamente (Valentim, 1997).

FIGURA 2 - PRS-RR/LX08: «Droga»: (associações) (%) (N=1100).

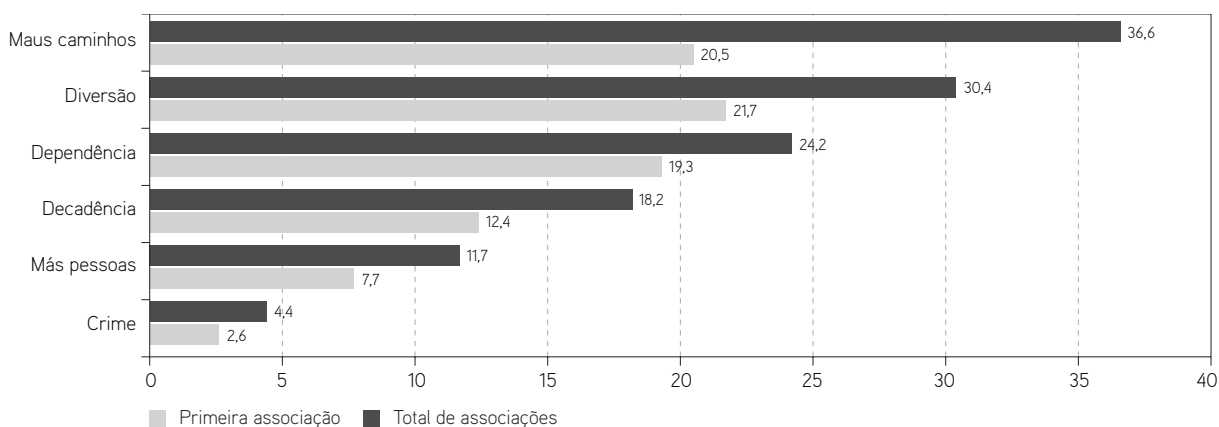


O gráfico revela que os inquiridos tendem a associar «droga» a aspectos negativos, sobretudo à questão da dependência. De uma forma geral, a droga é vista como uma coisa nefasta, um vício associado à miséria, à decadência e à degradação pessoal. No entanto, é de salientar que uma quantidade considerável (16,5%) de respondentes associou a droga a práticas de diversão, aos amigos e ao mundo das celebridades, fugindo, assim, à representação da droga como uma coisa intrinsecamente negativa e associada a problemas e males sociais ou pessoais.

A associação de «droga» a substâncias concretas também é relevante (9,3%), sendo que se destaca o *cannabis*,

tido como a substância ilegal mais consumida nos festivais de música (Aquatias, 2001). Do total de respondentes que associaram «droga» a substâncias, 51,3% citou o *cannabis*, 18% a cocaína, 7,3% o álcool, e os restantes (23,4%) dividiram as suas respostas por outras substâncias, como *ecstasy*, heroína, tabaco, LSD e comprimidos. Finalmente, com duas associações de palavras (ver gráficos 3 e 4), procurou-se saber se, para os inquiridos, «consumidores de drogas» e «toxicodependentes» são duas categorias simbolicamente coincidentes ou, se pelo contrário, apresentam diferenças relevantes entre si, assentando em representações sociais discordantes ou até contraditórias.

FIGURA 3 - PRS-RR/LX08: «Consumidores de droga»: (associações) (%) (N=1085).



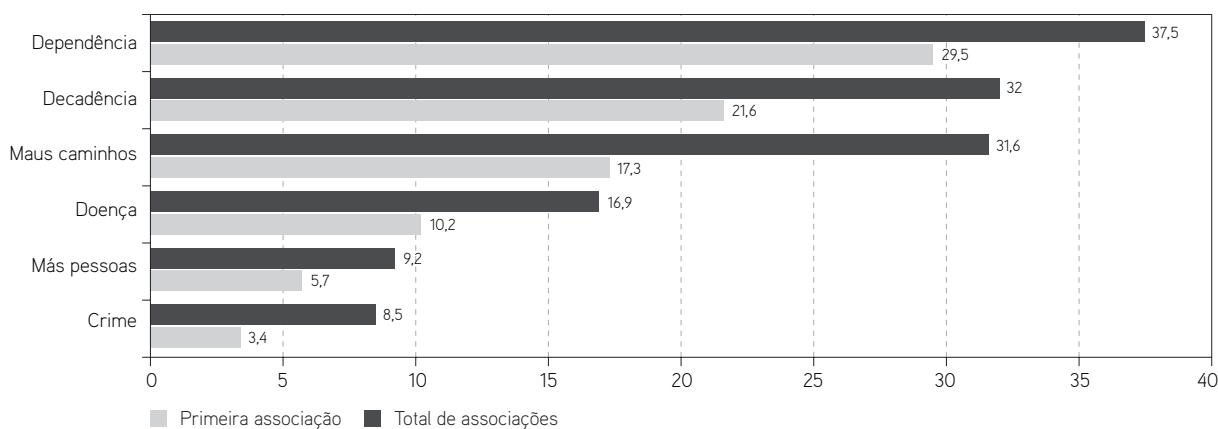
De uma forma geral, os consumidores de drogas são associados a coisas negativas e desfavoráveis, tal como a droga enquanto entidade abstracta, de resto. No entanto, o prisma simbólico assenta menos na ideia de dependência, que, como se viu atrás, predomina na representação da droga. Aqui destaca-se, acima de tudo, a categoria «maus caminhos», construída à custa de associações que remetem para a exclusão, a marginalização, a pena que suscitam e os problemas que derivam de um certo estilo de vida. Ainda assim, a associação à dependência é bastante relevante (19,3% dos respondentes, na primeira resposta).

Verifica-se ainda que há uma quantidade de respostas que escapam à lógica dominante, saltando à vista que perto de um terço dos respondentes associa os consumidores à diversão, aos amigos e à própria condição juvenil. Tal tendência é ainda mais relevante

quando a análise se limita à primeira associação, aquilo que os inquiridos responderam de forma automática: na primeira resposta, a categoria «diversão» foi a mais citada (21,7%).

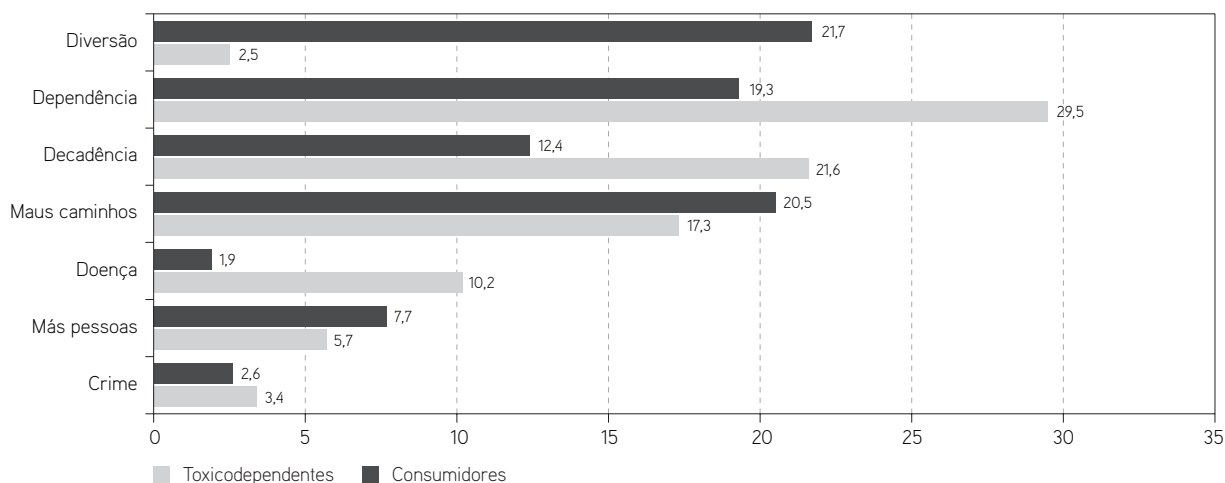
O gráfico 4 demonstra que a visão que os inquiridos têm dos toxicodependentes é bem diferente, assentando em conceitos distintos, e mais próxima da representação de «droga» (isto é, com a tónica na ideia de vício e dependência). As respostas de associação demonstram que os toxicodependentes são encarados de uma forma muito mais negativa e estigmatizada do que os consumidores, sendo os primeiros vistos sobretudo como viciados, gente que caiu num mundo de decadência (sobretudo física) e precisa de ajuda e, em menor grau, como doentes. Não há, neste caso, qualquer associação à diversão e a outros aspectos positivos: a representação social tende a ser, portanto, em sentido único.

FIGURA 4 - PRS-RR/LX08: «Toxicodependentes»: (associações) (%) (N=1103).



O gráfico 5 compara as respostas de associação aos dois termos, demonstrando que, para os respondentes, falar de consumidores de drogas não é bem o mesmo do que falar de toxicodependentes. E que, pelo contrário, parecem ser duas entidades diferentes. Prova disso é que há associações que se aplicam muito mais a uns do que outros: por exemplo, de acordo com os inquiridos,

a categoria «diversão» praticamente só se associa aos consumidores, enquanto «doença» é associada quase exclusivamente aos toxicodependentes.

FIGURA 5 – PRS-RR/LX08: Comparação de associações a «consumidores» e «toxicodependentes»: (primeira associação) (%) (N=1103).

5 – DISCUSSÃO

Os resultados demonstram estar-se perante uma população familiarizada com o consumo de drogas. Quando comparada com a prevalência de consumo ao longo da vida do equivalente grupo etário da população geral, constata-se que a prevalência apurada no *Rock in Rio - Lisboa 2008* é consideravelmente mais elevada. Em relação aos indivíduos entre os 15 e os 34 anos, o Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoactivas na População Portuguesa (Balsa *et al.*, 2004), realizado em 2001, obteve um valor de 12,6%. Quando o mesmo estudo foi replicado em 2007 (Balsa *et al.*, 2008), apurou-se um valor superior (17,4%) para a mesma faixa etária, mas ainda assim bastante inferior à prevalência obtida no público jovem presente no *Rock in Rio - Lisboa 2008* (51,3%).

Como já foi dito atrás, a ausência de estudos análogos não permite comparar os resultados obtidos com outros de épocas anteriores. Os estudos levados a cabo e as reflexões que até aqui foram feitas debruçaram-se sobre a sociedade portuguesa na sua generalidade, ou elegeram como alvo certos grupos sociais ou profissionais, mas não os jovens em concreto, muito menos aqueles que frequentam festivais de música. Assim sendo, pode apenas falar-se de uma diferença de re-

presentações sociais em relação àquilo que os autores já citados tomaram como sendo as representações hegemónicas, com a devida ressalva de não sabermos, com absoluta exactidão, até que ponto tal se aplica aos jovens de então.

Ou seja, não se pode dizer que os jovens já não pensam da mesma forma em relação às drogas e à toxicodpendência, apenas que os jovens que frequentam festivais de música tendem a ver as coisas de forma diferente do que a perspectiva que vários autores consideravam hegemónica em anteriores períodos históricos.

A partir do final da década de 80, e até à viragem do século, o fenómeno das drogas foi entendido, de uma forma geral, pelo prisma do «flagelo social» e do «pânico social» ou «moral» (Fernandes, 1998). Pela grande atenção mediática que o fenómeno merecia, e o debate público e alarme colectivo que suscitava, a questão das drogas estava na ordem do dia, em termos de consciência e atenção pública (Quintas, 2000).

É na década de 80 que o consumo de substâncias ilícitas é transformado em problema social concreto: «a droga» (no singular), tendencialmente vista como um mal absoluto, uma entidade causadora de criminalidade, maleitas físicas e doenças mentais, insegurança pública, prostituição, etc. (Agra, 1998). Assente numa linguagem

e simbologia bélicas, a generalidade dos discursos e das retóricas (transversal, aliás, aos profissionais da área, à comunicação social⁸ e ao senso comum) elege a droga como «inimigo nº.1», merecedor de um combate feroz e de uma luta sem tréguas (pelo menos no plano simbólico) (Valentim, 2001). Por esta altura, o consumo de droga tendia a ser visto como uma patologia e um desvio e o consumidor simultaneamente como um enfermo e um marginal incapaz de respeitar as normas sociais mais básicas (Valentim, 1997).

O presente estudo revela que, no plano simbólico, a representação da droga e da toxicodpendência do grupo-alvo estudado parece assentar em conceitos diferentes. Não há dúvida que a questão das drogas permanece vista como um problema social de relevo, embora sejam poucos os respondentes que consideram este o principal problema da sociedade portuguesa.

Se as respostas à primeira pergunta permitem avançar a hipótese de que os respondentes não atribuem à questão das drogas o mesmo alarme social que caracterizava a visão predominante de outras épocas (Valentim, 2001), a associação de palavras em relação a «droga» revela que o prisma dos jovens inquiridos não é o do «flagelo social».

Aliás, no léxico usado nesta associação de palavras, termos como «flagelo», «heroína», «seringa» ou «overdose» praticamente não foram usados. Também a associação a doença(s), à loucura ou à morte é pouco expressiva. Ou seja, a representação da droga agora apurada parece distanciar-se da noção de toxicodpendência que dominava simbolicamente a sociedade portuguesa noutras décadas (Valentim, 2001; Quintas, 2000). Igualmente pouco relevante é a associação a problemas de insegurança, criminalidade e violência.

Em geral, no plano moral, a droga é vista como uma fonte de problemas, uma coisa negativa e algo a evitar, pelos custos elevados que acarreta – nomeadamente adicção e estilos de vida adictivos. No entanto, para os inquiridos, a representação da droga parece afastar-se do plano social e colectivo para um plano pessoal e de estilo de vida (para alguns, algo mesmo associado à diversão e à condição juvenil). Isto é, a droga é mais associada pelos respondentes a problemas de ordem

individual do que social, o que poderá traduzir uma menor preocupação colectiva perante o fenómeno.

Também em relação a consumidores e toxicodpendentes parecem não se aplicar as representações sociais que marcavam as décadas de 80 e 90, que assentavam sobretudo na figura do «junkie» (Quintas, 2000; Fernandes e Ribeiro, 2002), o pequeno ladrão que roubava para consumir. Pelo contrário, os respondentes pouco associam hoje consumidores e toxicodpendentes à criminalidade e mesmo à marginalidade. A associação a doença, morte e Sida, por exemplo, é feita apenas aos toxicodpendentes, e também não é muito relevante.

Através da associação de palavras, os respondentes revelaram distinguir consumidores de droga de toxicodpendentes, que são vistos de maneira diferente. Em geral, os consumidores são vistos como gente que adoptou estilos de vida nefastos, problemáticos e de adicção, embora uma parte considerável dos inquiridos faça uma associação à diversão e momentos de lazer.

Ao contrário da visão dominante em épocas anteriores, os consumidores não são vistos como doentes ou delinquentes. A categoria com mais respostas no total («maus caminhos») remete para os problemas que advêm do consumo, o que parece querer dizer que, para os respondentes, o consumidor de drogas é hoje visto mais como uma vítima do que um agressor. Isto é, para os respondentes, o consumo de droga é mais um estilo de vida (nefasto) do que uma «chaga» social.

Verificou-se uma maior diversidade de respostas de associação em relação a «consumidores de drogas» do que a «toxicodpendentes» (614 contra 491 palavras diferentes usadas nas respectivas questões), parecendo, portanto, que a representação social destes últimos é mais vincada e, porventura, mais próxima da visão dominante de décadas anteriores, sem qualquer tipo de normalidade ou associação à diversão ou outros aspectos positivos.

Os dados apresentados referem-se ao total da amostra. No entanto, uma análise segundo as principais variáveis de caracterização revela diferenças consideráveis, sobretudo em função da idade e o do facto de já se ter consumido droga alguma vez na vida. Por limitações de espaço, tal análise terá que ficar para uma ocasião futura.

6 – CONCLUSÃO

A inexistência de estudos nacionais análogos torna impossível comparar, em rigor, os dados agora obtidos com quaisquer outros. Com o previsto replicar regular do presente estudo, de quatro em quatro anos, será possível ir acompanhando a evolução das percepções e representações associadas ao fenómeno da droga, por parte deste grupo-alvo. Ainda assim, é possível retirar conclusões muito relevantes.

Resumindo, os inquiridos associam a droga à (toxico) dependência, que é vista como um problema grave da sociedade portuguesa, embora não no topo da lista, sobretudo quando se analisa a resposta mais espontânea.

A sua carga negativa parece ter-se transferido do plano social e colectivo para um lado individual, provocando, portanto, menor alarme social. Em consequência disso, tanto a droga como os seus consumidores são pouco associados a problemas sociais como, por exemplo, a criminalidade, a delinquência, determinadas doenças infecciosas, etc. Ao contrário do que se passava nas décadas de 80 e 90, de acordo com os autores que estudaram o fenómeno na altura. Igualmente importante é a constatação que os respondentes diferenciam entre consumidores de drogas e toxicodependentes.

Parece assistir-se a um afastamento em relação ao *heroínocentrismo*, quadro conceptual que Luís Fernandes (1998; 2002) considera hegemónico até muito recentemente e que sustentava a análise social que se fazia do fenómeno, desde a década de 80. De facto, apenas 6 inquiridos (0,5% dos indivíduos que responderam à questão) associaram a palavra «droga» a heroína, enquanto aqueles que associaram o *cannabis* foram 52 (4,7% dos indivíduos que responderam à questão), sendo que grande parte destes últimos usou termos em calão. Aliás, ao longo de todo o inquérito o uso do termo «drogas leves» por parte dos respondentes é uma constante.

Para a população jovem que frequenta festivais música, o *cannabis* parece assumir o papel de destaque, não só ao nível de consumos, como também a nível simbólico e de representação mental.

Estas conclusões parecem estar de acordo com a ideia de «normalização», pista teórica que vários investigado-

res têm seguido (Gomes, 2006; Carvalho, 2008; Mourão, 2008), ou seja, o processo de maior aceitação (e menor censura social) do consumo, relativizando os riscos e malefícios inerentes às drogas (Parker *et al.*, 1998). Este fenómeno parece andar a par de uma menor pressão para a hegemonia na forma dos jovens (nomeadamente aqueles que frequentam festivais de música) encararem as drogas, em função dos dominantes quadros normativos assentes no proibicionismo (Valentim, 1998).

CONTACTOS:

VASCO GIL CALADO

Antropólogo
Núcleo de Estudos e Investigação / DMFRI
Instituto da Droga e da Toxicodependência, I.P.
Praça de Alvalade, 7, 6º, 1700-036 Lisboa
211119039
vasco.calado@idt.min-saude.pt

ELSA LAVADO

Estatística
Núcleo de Estudos e Investigação / DMFRI
Instituto da Droga e da Toxicodependência, I.P.
Praça de Alvalade, 7, 6º, 1700-036 Lisboa
211119037
elsa.lavado@idt.min-saude.pt

NOTAS:

- 1 – Coordenado por Fernanda Feijão, este Programa de Estudos engloba quatro projectos, cada um centrado numa população específica: o público jovem (15-35 anos) de um festival de música (Rock in Rio – Lisboa 2008); os consumidores de drogas (ocasionais, regulares ou toxicodependentes); os técnicos (sector público e sector privado) que trabalham na área das drogas; e a população geral (15-64 anos).
- 2 – Apesar de serem espaços de consumo tolerado, os festivais de música são controlados pela polícia, que não deixa de estar atenta. Por exemplo, são recorrentes as operações policiais, muitas vezes nos acessos aos recintos, que visam acabar com o tráfico de drogas. A questão aqui levantada é que o controlo parece ser sobre o tráfico e não sobre o consumo que tem lugar nestes eventos.
- 3 – Tomar uma amostra como representante de uma população não equivale e tomá-la como representativa. (Geertz, 1978)
- 4 – O fenómeno das drogas é particularmente complexo, na medida em que, para o perceber, é preciso analisar as coisas

em diferentes planos, implicando questões económicas, morais, legais, sociais, psicológicas e culturais.

5 – A explicação da amostra incluir um pequeno número de respondentes acima e abaixo do intervalo etário estipulado residiendo no facto de só se perguntar a idade no fim do questionário.

6 – Analisada a amostra por dia de concerto, verifica-se que a população presente em cada dia apresenta grandes variações no que toca às principais variáveis de caracterização, incluindo a prevalência de consumo de droga ao longo da vida.

7 – Importa salientar que na data de inquirição (Maio e Junho de 2008), o tema da crise económica e financeira mundial não era ainda um assunto de destaque nos meios de comunicação social, o que permite supor que hoje em dia seriam ainda mais as pessoas preocupadas com as questões económicas.

8 – Ver Dias, 2001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agra, C. (1998). *Entre Droga e Crime*, Lisboa: Editorial Notícias.
- Aquatias, S. (2001). *Les Consommations de Produits Psychoactifs dans les Milieux Festifs de la Culture Rock*, Ivry sur Seine: RES – Recherche et Sociétés.
- Balsa, C. et al. (2004). *Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoactivas na População Portuguesa*, Lisboa: IDT.
- Balsa, C. et al. (2008). *Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoactivas na População Geral – Portugal 2007*, Lisboa: IDT.
- Calado, V. (2006). *Drogas Sintéticas. Mundos Culturais, Música Trance e Ciberespaço*, Lisboa: IDT.
- Calafat, A. et al. (1999). *Night Life in Europe and Recreative Drug Use*. Sonar 98, Palma de Maiorca: IREFREA.
- Carvalho, M. C. (2007). *Culturas Juvenis e Novos Usos de Drogas em Meio Festivo*, Porto: Campo das Letras.
- Carvalho, M. C. (2008). "Investigação Naturalista em Contextos Recreativos – usos de substâncias e violência", Disponível em linha em <http://www.clat-virtual.com/downloads/M3-C9.pdf>.
- Chaves, M. (1998). "Consumos de «Novas Drogas»: Pontos de Partida para a Investigação Sociológica" in *Toxicodpendências*, 4 (2).
- Dias, F. (2001). *Droga e Toxicodpendência na Imprensa Escrita*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Durkheim, É. (1912). *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse*, Paris: PUF.
- Fernandes, L. (1998). *O Sítio das Drogas*, Lisboa: Editorial Notícias.
- Fernandes, L. & Ribeiro, C. (2002). "Redução de Riscos, Estilos de Vida *Junkie* e Controlo Social" in *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº39.
- Geertz, C. (1978). *A Interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro: Zahar.
- Gomes, M. (2006). "Modos de Percepção das Drogas em Portugal: Resultados Preliminares", CIESe-Working Paper nº18/2006. Disponível em linha em https://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/182/4/CIESe-WP18_Gomes_.pdf
- Henriques, S. (2003). *O Universo do Ecstasy. Contributos para uma análise dos consumidores e ambientes*, Azeitão: Autonomia.
- Herzlich, C. (1969). *Santé et Maladie. Analyse d'une Représentation Sociale*, Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- IDT (2007). *Relatório de observadores do Rock in Rio 2006*, Lisboa: IDT.
- Jodelet, D. (dir.) (1989). *Les Représentations Sociales*, Paris: PUF.
- Lomba, L. (2006). "O Consumo Recreativo de Ecstasy" in Relvas, J. et al. – *Novas Drogas e Ambientes Recreativos*, Loures: Lusociência.
- Moscovici, S. (1961). *La Psychanalyse – Son Image et son Public*, Paris: PUF.
- Mourão, V. & Amaro, F. (2008). "Identidades Fracturadas: Consumidores e Abstinentes de Droga em Meio Universitário" in VI Congresso Português de Sociologia. Disponível em linha em www.aps.pt/vicongresso/pdfs/177.pdf
- OEDT (2002). *As Drogas em Destaque. O Consumo Recreativo de Drogas*, Nota 6, Lisboa: OEDT.
- Parker, H. et al. (1998). *Illegal Leisure. The Normalization of Adolescent Recreational Drug Use*, Londres: Routledge.
- Quintas, J. (2000). "Consumos de Drogas: Realidades e Representações Sociais" in *Toxicodpendências*, 6 (3).
- Rebelo, M. (1999). "Traços Contínuos de Diversão: *Ravers* e *Raving*" in Pais, J. (Coord.) – *Traços e Riscos de Vida*, Porto: Âmbar.
- Silva, V. (2005). "Techno, House e Trance. Uma Incursão pelas Culturas da «Dance Music»" in *Toxicodpendências*, 11 (3).
- Vala, J. (1993). "Representações Sociais – para uma Psicologia Social do Pensamento Social" in Vala, J. & Monteiro, M (Coord.) – *Psicologia Social*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Valentim, A. (1997). *Representações Sociais da Droga e da Toxicodpendência. Um Estudo Empírico na Península de Setúbal Junto de Párocos e Médicos*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Valentim, A. (2001). "Droga, Liminalidade Social e Utilização de Ersatz" in Torres, N. & Ribeiro, J. P. – *A Pedra e o Charco. Sobre o Conhecimento e Intervenção nas Drogas*, Almada: Íman Edições.